

## RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista no **Diário do Povo**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram publicadas).

### 222. VIAGEM ÀS TERRAS GOIANAS

Uma bem cuidada reedição facsimilar promovida há alguns anos pela Universidade Federal de Goiás, integrando a coleção "Documentos Goianos", deu-nos a conhecer precioso relato de viagem à então Província de Goiás, em 1882. Seu autor, Oscar Leal, embora muitos o considerassem português pelo fato de quase todos os seus livros terem sido editados em Portugal, era do Rio de Janeiro, nascido em 1862. Tinha, portanto, apenas vinte anos quando empreendeu a viagem que descreveu no livro publicado em 1892, dez anos após a realização da jornada às terras goianas. Oscar Leal era credenciado como membro da Sociedade de Geografia de Lisboa e de outras "corporações científicas" e sua obra vinha precedida de um prólogo de Pinheiro Chagas e bastante ilustrada, inclusive com desenhos do próprio autor, e ainda um mapa da região percorrida.

O prefaciador da nova edição (Goiânia, 1980) informa ser escasso o material de que se dispõe sobre o viajante, embora Sacramento Blake enumere preciosas referências à sua vida, através das quais se percebe quão versátil, inquieto e boêmio ele foi. Filho

de portugueses foi mandado a educar-se em Portugal. Tão logo se formou, regressou ao Brasil, iniciando então uma série de viagens pela América Latina e depois pela Europa. Era formado em cirurgia dentária, não se sabendo se chegou a exercer a profissão. Tudo indica ter sido pessoa de posses. Revelou-se ainda divertido prestidigitador e animador teatral, devendo ter causado sucesso nos sertões de Goiás, segundo conjectura o prefaciador do livro.

E é ainda o prefaciador, Professor Ático Vilas Boas da Mota, quem afirma ter descoberto nas páginas de Oscar Leal a figura do repórter, cujas análises nem sempre são profundas e cujas críticas não vão além do pitoresco ou do romântico. Mas reconhece que certas passagens do livro valem como documentário de costumes. "Último andarilho romântico que nos visitou", assim a ele se refere o ilustre professor da Universidade Federal de Goiás, responsável pela revelação aos de hoje, tirando-o do esquecimento em que jazia, do interessantíssimo relato, que não representa apenas uma descrição de viagem, mas "uma cadeia de vivências, destacando-se a figura do curioso viajante de maneira muito integral, cujo retrato de corpo inteiro apoia-se na maneira de enxergar o mundo pelo lado otimista, engraçado e irônico". Enfim, é das melhores coisas de nossa literatura de viagens e só se tem a louvar sua reedição na preciosa coleção dirigida pela Professora Gilka Vasconcelos Ferreira de Sales e publicada pela Universidade Federal de Goiás. 2-9-1990.

\*

## 223. AFONSO ARINOS E A "REALIDADE BRASILEIRA"

Pouco depois da revolução de 1930, naquela fase difícil e caótica da vida nacional, em que não se sabia o que poderia acontecer ao nosso País, saído de um movimento armado pregado e desejado por muitos, mas em cujos resultados seus próprios promotores não pareciam muito confiantes, fase por isto mesmo propícia

a indagações, à procura de rumos, começaram a aparecer diversos livros ventilando problemas de grande atualidade e interesse, sobretudo para aquela geração que, nos bancos acadêmicos ou já na vida prática, estava começando a tomar consciência da realidade brasileira e se dispunha, dentro de suas possibilidades, a fazer alguma coisa para dar ao Brasil um rumo certo.

Era a "Coleção Azul" (pois todos os volumes tinham a capa desta cor), do editor Schmidt, do Rio de Janeiro. Os temas destes livros eram palpitantes: um procurava examinar a "psicologia da revolução" (Plínio Salgado); outro perscrutava o "sentido do Tenentismo" (Santa Rosa); um terceiro indagava da "gênese da desordem" (Alcindo Sodré); outro apresentava ao nosso espírito curioso e indagador um "Brasil errado" (Martins de Almeida), e, finalmente, outro procurava nos introduzir numa "realidade brasileira". Este último era devido a Afonso Arinos de Melo Franco, o grande brasileiro há pouco falecido, abrindo enorme vazio nos quadros da cultura brasileira.

Os livros "azuis" do editor Schmidt fizeram época, contribuindo com o seu tanto para sacudir um pouco aquela geração de 1930 do torpor cômodo, mas comprometedor em que jazia. Alguns traziam nas suas páginas tendências direitistas, para as quais havia na época um clima propício; em outros não havia propriamente uma definição ideológica, mas procuravam ser objetivos no exame dos problemas nacionais. Tanto quanto nos lembramos, foi essa a primeira coleção de estudos sociais e políticos aparecida no Brasil.

Uma releitura, mais de meio século depois, da **Introdução à realidade brasileira**, de Afonso Arinos, não faria mal a ninguém. É claro que a "realidade" de hoje está longe de ser a mesma. Outros problemas, outras preocupações, outros interesses, outra visão do mundo. Mas, a objetividade com que o grande ensaísta e historiador soube ver a "realidade brasileira" no início de sua carreira intelectual (não havia ainda completado trinta anos) reveste-se para nós, hoje, de um caráter já histórico, digno de ser

meditado, pois muita coisa em nosso País ainda está como há sessenta anos. E alguma coisa... até pior! 5-9-1990.

\*

## 224. O TALENTOSO E CURIOSO VON PLANITZ

Por ocasião do Segundo Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, realizado no Recife em 1974, o saudoso dom Clemente Maria da Silva Nigra, então diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, apresentou valiosa comunicação sobre Carlos Roberto Edler von Planitz, que viveu no Brasil de 1831 a 1847. Era natural da Saxônia, onde nasceu em 1804, vindo a falecer no Rio de Janeiro. Nos quinze anos que viveu na capital do Império fez muita coisa, tanto que é mais fácil, talvez, indagar o que ele não fez... Interessou-se por arqueologia, história, geografia, heráldica, desenho, pintura, escultura e literatura. Trabalhou na Biblioteca Nacional, foi professor do Colégio Pedro II e pertenceu ao Instituto Histórico Brasileiro. "Entregou-se a cada uma dessas tarefas com toda a alma e entusiasmo, como se fosse uma só, sem considerar sua fraca constituição física e a falta de tempo para tantas ocupações diferentes e simultâneas", informa dom Clemente, acrescentando não ser de admirar, pois "seu nervosismo quase neurastênico, aumentado pela constante deficiência de recursos financeiros". Daí, sua morte prematura, causada pelo cansaço, pelas preocupações e finalmente pelo colapso cardíaco, o que, tudo somado, tirou-lhe a vida com pouco mais de quarenta anos.

Dom Clemente, que já havia tratado de von Planitz em seu livro sobre o Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, enumera, em sua comunicação, os trabalhos do nosso alemão em cada uma das áreas a que se dedicou. A esta nota interessa a parte relativa ao desenho e pintura, pelas inúmeras estampas que deixou sobre o Rio de Janeiro. Em 1857, dez anos após sua morte, Eduardo Teodoro Boesche, mercenário vindo para o Brasil por ocasião da campanha da Cisplatina e que tão amigo se tornou de nosso país, e

também grande amigo de von Planitz, promoveu a edição de um álbum contendo doze de suas estampas sobre a Capital do Império. Tornou-se este álbum extremamente raro. Dom Clemente informa só ter visto dois exemplares, um em Hamburgo e outro no Palácio do Grão-Pará, em Petrópolis, este, pertencente à coleção de D. Pedro II. Rosemarie E. Horch indica a existência de um outro exemplar, no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo.

Em 1958, a prefeitura do Rio de Janeiro (então ainda Distrito Federal), promoveu uma edição facsimilar do álbum ("poor reproduction", informa Rubens Borba de Moraes, depois de salientar a extrema raridade da edição original), reprodução esta que acreditamos tenha sido limitada e fora do comércio. Recebeu o título **O Rio de Janeiro da Maioridade**. Há dois anos, num excelente empreendimento editorial Kosmos/CBPO, fez-se edição do belíssimo álbum contendo oito sépias inéditas de von Planitz, com introdução de Mário Barata, que, infelizmente, nada informa quanto a origem e a procedência destas "sépias", as quais vieram tirar do esquecimento o curioso alemão que tanta coisa fez no Rio de Janeiro da Regência e da Maioridade. 10-9-1990.

\*

## 225. MÍSTICA E HISTÓRIA

"Comemorando o esforço especial no Brasil de acordo com o movimento do Metodismo Universal a favor da educação cristã", fundou-se há cem anos, na cidade mineira de Juiz de Fora, um dos mais renomados educandários do país. Recebeu o nome de "Granbery" em homenagem à autoridade episcopal que então presidia o trabalho metodista no Brasil, o Bispo John C. Granbery.

Já se escreveu que o dia em que se fizer uma História da Educação no Brasil, capítulo importantíssimo deverá tratar dos estabelecimentos de ensino fundados pelas missões protestantes norte-americanas. À nossa Campinas coube sediar o mais antigo deles,

o Colégio Internacional, aqui fundado pelos presbiterianos em 1869 e transferido no fim do século para a cidade de Lavras, no sul de Minas, onde ainda existe com o nome de Instituto Gammon. Rara a cidade do Brasil de certa importância que não tenha um colégio dessa natureza, metodista, presbiteriano ou batista, as três denominações evangélicas que mais têm contribuído para a educação.

Pelos métodos de ensino introduzidos, pela filosofia de educação que pregavam, tais colégios foram muito bem recebidos pela sociedade brasileira, embora esta fosse, na época, bastante preconceituosa em matéria religiosa. Mas, tais colégios se impuseram, tornando-se muito mais freqüentados por católicos que por protestantes, pois estes não seriam na ocasião (e provavelmente não sejam até hoje) em número suficiente para alimentar tão grandes estabelecimentos.

O "Granbery", que vem de completar cem anos, apresenta, além de muita história, também muita mística, refletida no apego que lhe votam seus antigos alunos, traduzido, aliás, na frase com que se inicia o hino que para ele escreveu Guaracy Silveira: "... a história sagrada desta casa que o nome nos dá há de ser em nossa alma guardada, nosso lema na vida será". Mística e história bem expostas no excelente livro que sobre o colégio publicou, comemorando a efeméride, um dos mais afeiçoados "granberyenses", o pastor metodista Messias Amaral dos Santos. Livro escrito não apenas com os documentos que compulsou, mas sobretudo com o coração que o fez sentir a história de maneira muito superior à que poderiam fazer os frios documentos arquivais.

Conheço muitas histórias de colégios e ainda há pouco tive o privilégio de escrever o prefácio para um deles, de Santa Catarina. Mas, não sei de nenhuma que, além da história, registrasse a mística derivada da própria natureza da instituição. Se um dia "O Granbery" vier a desaparecer - e certamente isto não ocorrerá -, sua crônica está preservada com o talento e o coração de um dos seus mais afeiçoados discípulos. E o rabiscador desta nota, que realizou

tradicional colégio sua formação humanística, não pode deixar regozijar-se com a ocorrência centenária, merecedora, inclusive, um belo selo postal comemorativo, lançado no ato por um dos antigos alunos, nada menos que Itamar Franco, o atual vice-presidente da República. 19-9-1990.

\*

### 3. AVENTURA E MEMÓRIA DE UMA FAMÍLIA ESPANHOLA

A crônica de uma família espanhola embarcada em Barroca para o Brasil em 1898, ano difícil para a Espanha em virtude da guerra com os Estados Unidos e a perda das Filipinas, vem de ser narrada por um dos descendentes desses espanhóis desembarcados em Santos e que se radicaram nas imediações de Campinas - Reatins e Nova Odessa -, e daqui irradiaram-se para cidades vizinhas (Sorocaba, Monte Mor) e até para regiões mais afastadas, como a zona oeste do Estado, que, na época, começava a ser povoada.

Livro simples, desprezioso, mas gostoso de ler, exatamente porque escrito mais com o coração do que com os documentos. Este que publicou Alcides Cornejeiro Peres, tendo por título **As Memórias de um recruta da Usina Miranda**. Não me pareceu feliz o título, porque o livro tem muito mais do que nele se inscreve. A viagem pela Usina Miranda é apenas um episódio da vida do autor, embora sua lembrança continue sempre presente. Há, ainda, um episódio do Nordeste do Brasil e há a campanha da Itália, na Segunda Guerra, na qual a Força Expedicionária o autor participou.

Não destrincharei o que o livro possa ter de interessante. Mas nele, dados valiosos acerca de nossa região, quando o município de Campinas estendia-se até a antiga Vila Americana. Coisas que estão ficando esquecidas. Às vezes, aliás quase sempre, a mudança de nome de uma localidade implica uma obnubilação do passado. O nome da grandiosa Americana de hoje, lembra a "Vila Americana" de ontem? Ou o que, na violenta Sumaré de nossos dias, recorda a

pacata “Rebouças”, marcada, então, apenas por uma estação da “Paulista”? Daí o interesse de livros de memórias que contribuam para resgatar a lembrança dessas hoje importantes cidades.

Os espanhóis tornaram-se ândejos. Os lugares primeiramente habitados não lhes satisfizeram. Vão procurando novas terras. Chegam até Bauru, em 1919. Não têm paciência de esperar pelo progresso da cidade. Adentram pela Noroeste, então recém construída. Descobrem o lugar ideal, entre Presidente Alves e Pirajuí, onde veio a ser fundado o grande empreendimento da Usina Miranda. Este, o ponto alto do livro. É a primeira vez que vejo alguém tratar do assunto. Vivi na região quando rapazola e muito ouvi falar da Usina Miranda, embora não chegasse a conhecê-la.

A frase inicial de um dos capítulos é significativa: “Se algum lugar existiu na terra que se igualasse ao Paraíso, forçosamente se chamaria Usina Miranda. Ali estavam reunidas todas as condições para oferecer felicidade aos moradores de todas raças, classes sociais e faixas etárias. Era como um estado dentro do Estado de São Paulo, com todos os recursos que um estado pode ter. Até dinheiro próprio possuía”. Pode-se imaginar o interesse de um livro relatando o cotidiano dessa organização que tão pouco durou. E o livro aqui registrado procurou, dentro do possível, resgatar sua memória. 23-9-1990.

\*

## 227. SÁBIOS DE CONSTANTINOPLA

Quando, no início do curso ginásial, comecei a estudar a História da Civilização (ou “História Universal”, como então a matéria se chamava), despertou-me a atenção frase que se encontrava em todos os livros didáticos quando tratavam do Renascimento ou Renascença. Não havia livro que não informasse que a causa principal do grande acontecimento fora a fuga para a Itália de

numerosos sábios de Constantinopla, após a tomada pelos turcos da bela capital do Império Bizantino. E não havia estudante que não se impressionasse com o papel extraordinário desses sábios, capazes de criar a maior revolução cultural da história da Humanidade, embora nenhum dos livros mencionasse o nome sequer de um deles.

Mais tarde, quando chegou minha vez de ensinar, senti de novo o problema quando meus alunos passaram a me fazer a pergunta que outrora eu fazia aos meus mestres. Que sábios eram esses? Que faziam e o que sabiam? Lancei mão de um expediente para ocultar minha ignorância. Ensinei-lhes que a expressão "sábios de Constantinopla" vinha sendo empregada para simbolizar a herança grega que Bizâncio recebera e agora, tomada a cidade pelos turcos, e para que ela não desaparecesse, antes mostrasse seu valor e significado, através de todos esses sábios anônimos espalhava-se pela Europa, particularmente pela Itália, onde as condições econômicas decorrentes do comércio do Mediterrâneo propiciaram ambiente favorável ao desenvolvimento da cultura, principalmente do Humanismo, e os sábios de Constantinopla eram sobretudo humanistas. Assim, desobriguei-me de citar nomes complicados que talvez nem eu mesmo fosse capaz de ler...

Mas, o sentido cultural da influência bizantina continuou sempre me perseguindo. E veio bem a calhar a leitura que há pouco fiz do admirável livro do professor Lucas-Dubreton, *A vida cotidiana em Florença no tempo dos Medicis*. Aí está, à página 192: "Esta devoção (pelos autores gregos do passado) ilumina-se no século seguinte graças aos gregos emigrados para a Itália. Eis o velho Gemisto que, apesar dos seus 83 anos, ensina e doutrina as pessoas com um fogo juvenil; Chrysolaras de Bizâncio, que os florentinos escutam com o respeito que se tem por uma desconhecida espécie de homem; eis o sábio Argyropoulos, comedor e bebedor impenitente. Atrás destes chefes de fila, desembarca todo

um proletariado de eruditos, expulsos pelos turcos depois da tomada de Constantinopla (1453), pobres diabos que se colocam como escribas, copistas, repetidores, mestres-de-escola. Tudo o que existe de sábio se refugiou em Florença, depois do naufrágio da Grécia, como num porto abrigado”.

Teria mais a transcrever. Mas isto basta para quem quiser conhecer alguma coisa dos “sábios de Constantinopla”. 3-10-1990.

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...



